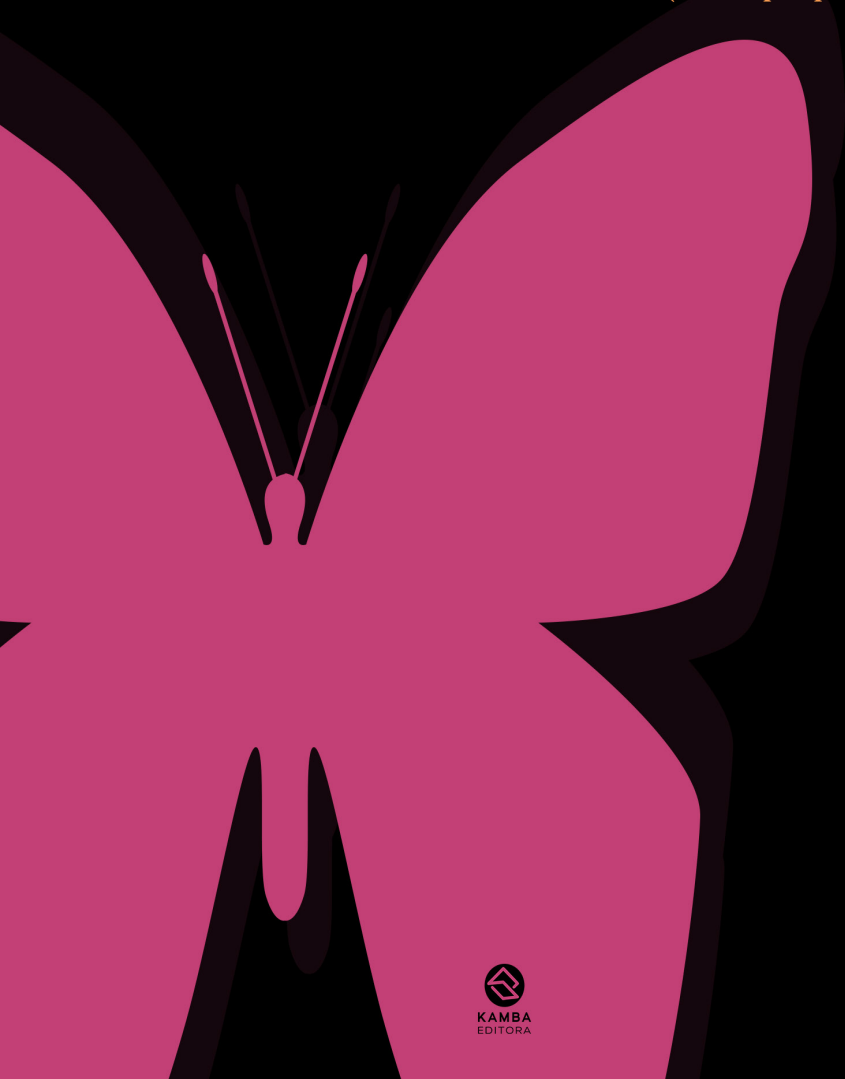


DALUUKA

aqui,
assim

(contos peripatéticos)



aqui,
assim

(contos peripatéticos)

Daluka



KAMBA
EDITORA

Junho de 2022



KAMBA
EDITORA

Ler e Fazer

Fale Connosco
(+244) 933 752 709

Envie o seu Original
kambaeditora@hotmail.com

Acesse o nosso site
www.kambaeditora.wordpress.com

TÍTULO

AQUI, ASSIM

Copyright © 2022 Kamba Editora
& Daluka

Primeira Edição em Português: 2022
Colecção: Escrever Para Não Morrer – 4

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUALQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO POR ESCRITO DOS EDITORES E DO AUTOR, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Edição de e-book
Kamba Editora

Capa
© Josemar Antunes

Catálogo editorial
(16) EpmM– 04/2022

Projecto gráfico e Diagramação
Daluka

sumário

helena, 1

vinte e nove mais um: os três mundos, 6

makondua, 11

mayombe, no embondeiro, 17

tipo biografia de escritor anónimo, 26

à mim mesmo, porque mereço.

essa ideia é que insiste em mim, doutor, essa ideia
é a única coisa que me faz viver.

mia couto

os meus livros não são um guia automobilístico
nem o roteiro e uma cidade. estão abandonados
no sangue até que deles participe todo mundo.

manuel da silva ramos

helenas

há a sombra das nossas vidas no passado agora. há quem seremos, fomos e não somos. há uma vida que não nos pertence, essa vida é o farto dos dias (conforto animados dos deuses). há também quem se diverte (malditos deuses). quem acorde e sorri vendo-me. vendo-nos. cem moedas de ferro velho (vendo-te). vendo-nos. há tristeza ao vencer (perder) e lágrimas ao sorrir (fugir).

há verbos para tudo que há. há ela.

há muitas elas. helenas. (muitas helenas). muitas outras. muitas artes sucumbidas. muitas mortes. vivia. tentava viver. no dia que seguiu o seu parto, reclamou ter nascido. cuspiu (na pureza maléfica de quem nasce) na mãe e a amaldiçoou. antes, depois do agora, ela chorou amargamente. (docemente). chorou vida. chorou risos. estava viva.

por enquanto.

por um quarto.

gertrudes, gertrudes...

conhecera gertrudes numa escola protestante. achava ser protestante. (gertrudes)? era só ela. protestam os protestantes contra o quê? gertrudes protestava contra a decência. as putas tinham o melhor cofre de segredos. guardadoras dos segredos da elite. sim, gertrudes era puta. pariu helena de um pai sem rosto (só lhe havia posto). sem pernas para voltar ao prostíbulo (talvez fosse coxo). pais não valem sacrifícios. mães muito menos. mas gertrudes era o ar em tons de humidade. o gene das piores da humanidade. gertrudes era mulata. uma mula alta que contornava autoridades eclesiásticas. não é por ser mulata que não gosto dela. nem é por ser puta, eu gosto de putas. (talvez goste de verdade). mas por ter recebido só 100 moedas. 100 moedas atiradas ao chão contra a vida. ela as apanhou todas e foi.

foi

virou coxa. não voltou.

(prostituta coxa?)

bem, depois surgiu helena. foi num sonho novo de rapaz. helena. helena.

helena cresceu (cedo demais). seguiu os passos da mãe. (não, não seguiu) fez os seus. arrastou-se pelas flores. cactos. pêssegos e sombras. depois conheceu o seu valor. soube que afinal, mãe fazia vida. (mãe era vida). fez muitas vidas. fez muitos acharem vida. mas ela viveu permanecendo para chorar. sentiu-se alegre. depois triste. depois assim um sentimento novo. uma curiosidade de prever passados. de recorrer aventuras. de ser puta.

foi à igreja. escolheu a católica (lar do maior prostíbulo).

conheceu o padre amaro. sim, amaro. quantos crimes sabia fazer o padre amaro? acreditem em mim quando digo que sabia muitos. sabia todos. sabia o tantra que desconhecia um viverdor de heresias.

mas o que helena lhe fez! fez tudo. o fez confessar passados. pediu-o para consertar futuros passados e novos hojes. ah, helena! onde tinhas de estar longe de mim?

– onde está? (como saberia das moedas?) já sabia.

nada respirava vozes. nada voceficava vidas. era o início da aventura. (era) o tempo de tomar posições exigidas. tomou. foi tomada. mole. caído. agora rijo. bem rijo. riu para o padre. (parou). gargalhou. fim de uma busca que iniciava. estava iniciada. noviça iniciada. por amaro e por outros, nas sombras do sovaco da ave maria.

– amarro o padre amaro e o mato. o matei.

riu.

ri-me

de padre em padre, chegou à ondjiva. o verão eterno não a fez abrandar. amoleceu cleros e párocos. Não foi segregacionista, dividiu-se aos protestantes. deu-se aos imerecidíssimos. às imerecidas (sim, helena sabia partilhar). o profissionalismo é hereditário mesmo. um nsunga assim diferente das homilias habituais. (passa-se para filhos). encontrou-a.

encontrou gertrudes.

aqui, assim

– cem moedas e o céu foi o meu teto. a terra será para ti o
que foram para mim as estrelas.

e encontrou gertrudes.

viveu sendo ela.

sendo nela.

era a helena.

vinte e nove mais um: os três mundos

persegue-me a chuva em sinais de azar. suspirei três mundos. virei e a vi cada vez mais próxima. dei dois passos e já estava perto dela. são necessários sete passos para encontrar a chuva. parei. estava nublado como a minha memória. as nossas histórias. os nossos momentos. assim era o início dos choros que se fizeram frequentes. intensos. suspiros que levavam minha roupa para aqui e ali. numa dança assim mesmo maluca, entre a geografia do mundo e os pêlos dos pés. como suspiras forte!

escondi-me debaixo da árvore negra. daquela ao pé das estrelas. para fechar minha existência. para apagar minha aparência. lá vieste tu. eras novamente tu. afinal já fazia tempo que vinhas conhecendo minha alma e meus pensamentos. hoje os farejas como ninguém, tentando ser quem vai pintar as cores vermelhas nos quadros amarelos de gogh. dói-me fugir de ti.

fujo.

a chuva é incerteza. (quantas, mas quantas vezes terá esse escritor a ousadia de escrever incertezas?) muitas. muitas. a incerteza traz as melhores prosas. os melhores versos

e as maiores dores e desilusões. nossas dores são nossas. como o sinal de trânsito bem na minha frente. ele diz que há vaga de caminhos para a direita. direita? serás tu? vou para a direcção oposta, para outro lugar que não seja a esquerda. cheguei ou não? ao lugar que vi no horizonte daquele novo planeta branco.

cheguei.

estavas lá antes de mim. estavas lá antes do mundo. três iniciais (por quê não duas?). um coração. minha, tua e de quem raios é a terceira? é do desamor? da nossa fraqueza humana? como chegas tão rápido onde estou? estás tu, de novo. chove chuva miúda (estás mais calma), é isso? tens uma mini-saia e eu estava cego. era tudo branco dentro de mim. dizes que já não vens atrás (será verdade?). tanto faz, não vou seguir as pegadas que os mosquitos começaram do nada a desenhar no chão. que grafite usaste para nós?

esquerda e direita. arrumas os capins com uma enxada azul-escura. azul e escura. olhas-me e logo iniciam-se outras chuvas. pariste o meu futuro e agora choro. quem é a terceira letra perto do nosso? zango-me num instante e atiro toda cólera contra a parede. parece. cresces e dás um nó no cabelo. um rabo de cavalo perfeito. perfeito como as nossas vezes. és égua. adoras ser feminista. perguntas se estou bem. estou. não estou. (talvez esteja).

abandonas-te e logo vens.

– fique longe de mim! – berro.

(paras). olhas os meus olhos e passas pelo primeiro mundo. são três mundos, não convences com apenas um. eras um abismo profundo que nunca pude chegar ao final. sempre foste. hoje só te rias e voltavas. o passado é longe como a ressaca e profundo como a respiração de um atleta. ponto. não. antes um ponto e vírgula. deslizo-me orgu-

lhoso para a esquerda. vens ou não? não vens e já te apoias no meu sangue. meu sangue? amas vermelho, não amas? será que o engoles ou só dás um gosto metálico à boca? seguras-me e já estou mais próximo. desço um mundo.

– qual é o problema?

(o problema és tu!) é a outra letra perto do nosso coração. te ris. me zango.

bobo era nas nossas viagens, não na minha certeza (in?) por quê já não te vais? segure a enxada novamente e minta antes de ires (imploro). seguras nas minhas mãos. desço para o teu mundo. já aqui estou, pecadora. dás-me uma bofa e nada lembro. nada entendo. um silêncio assim como o do nosso casamento, quando nasci, começou a fazer-se. silêncio. devagar, como rodapés. créditos de um filme chato como o que vimos no xyame (lembro-me da tua diarreia. dos nossos sorrisos. da nossa vergonha). elevo-me do um ao terceiro. são três mundos. suspiro três mundos e deixo-me estar. te ris. choro. seguras na enxada e arrumas outros capins. dizes nunca mais voltar. digo nunca mais te ver. amo-te de perto. de longe choro-te em bares. não entendo ainda o sentimento que domina a minha alma. a minha mão. adeus (hipócrita destemido).

sento-me. lembro do meu sangue na tua boca. mulher cruel. não. não e não! não era real. não eras real. não sou real. era uma lembrança assim do sonho que tive hoje, antes mesmo do ontem. estás estática. não te moves nesses anos todos de clamor e lágrimas. tens sempre a mesma posição e o mesmo sorriso. maldita. a inicial estragou pesadelos meus.

acordei assim mesmo deitado no chão chorado. não vi. estava escuro. ponho minha mão. minhas mãos para dentro do teu estômago. assustas e dás-me um pontapé.

apertas o meu pescoço contra a parede. recitas o terço
mundo do papa mudo.

caio.

no chão mesmo.

assim do nada.

anhos? (diabos com cara de coelhinhos).

não estavas. não eras tu. eu tinha razão. só não tenho o
amor. são três mundos, não o iniciar de uma terceira letra.
ouves-me de lá longe. no longe que não se devia ouvir.
ficas zangada e vens de seguida às pressas para casa. para
o fim. para mim.

– bobo, é a inicial do teu filho.

morro.

mas antes mato-te uma segunda vez.

que a letra faça valer à terceira. à esterilidade. à merda!

são três mundos. três iniciais. três pessoas. um filho. um
mbaku.

makondua

makondua.

sua mãe deu o nome no início do tempo e da fuga. nada se faz quanto a isso, somos predestinados pelos pais. por eles e pelo mundo, ignorando o peso do substantivo da vida. da nossa vontade. ele não. cresceu makondua e já era alfinetadas. nome de batalhão. nome de combatente. tinha três ousadias: matava em guerra, na primeira. era professor (antigo e novo) e matava fora do combate sangrento. sua vida era de fardas. do exército. da docência. na última ousadia, ele vivia. vestia a farda da vida. de ser vivente. tão pesada farda era essa última.

a primeira vez (ou antepenúltima), era ele e o mundo. quis dar uma de patriota. quis dar continências. mas passou só. deixou-se estar. passou pelo busto de neto que tinha já cara de sobrinho. ou de velho. de passado. desceu e chegou na rua do doutor. do neto que era antônio. dá-se cada nome às ruas...por isso nuncam mudam em nós. nem no tempo, nem em memórias. os nomes prendem. as ruas revivem e as lembranças...bem são passados que insistimos viver.

deu setenta e nove passos adiante e mais dois. sentiu que estava a ser seguido. sabia os truques da tropa. ignorou.

– o meu dinheiro – disse uma.

– não ando com dinheiro – respondeu. tropa anda só com arma.

ela insistiu. ele fintou. ela ficou.

riu-se.

depois veio amanhã e olha só. dois pontos e três reticências. estava a ser seguido. outra vez o mundo lhe chamava. lhe seduzia assim do ouvido com melodias de guerra que se declarava amanhã aquí. sempre chamou nos finais dos meses desde a era da honestidade.

mulher rima com março? não. só combina. e depois rima com mundo. (combina). tropa bobo, nada fazia senão andar. noutro dia correu. idade em desvalidada como estava, morreu. morreu assim na respiração e depois viveu. viveu.

– o meu dinheiro– disse essa.

– tropa não anda com dinheiro. só com arma.

segunda guerra ganha. ela ficou. ele fintou e andava acolá assim. como o assim dessas letras antigas que mentem.

no dia que seguiu aquele outro de amanhã, decidiu mudar de rota. andou pela rua do comércio. sentiu-se novamente seguido. somos sempre seguidos (éramos) por algo ou alguém. depois que lembrou do instrutor de guerra, discou o patrulha. pegaram-lhe assim mesmo no meio da guerra. da rua e do mundo que não lhe pertencia. na primeira rua, a que vai ao largo velho, desceu. limpou a farda e dispensou o patrulha. militar não é salvo por polícias. só exercitos. só verde. nove passos. aparece a primeira a frente. estava no triplo dos passos. parou. parei. noventa

graus. virou. virei. estava lá a segunda.

– não te vamos deixar passar. dê-nos o dinheiro.

dois inimigos juntaram-se para lhe derrubar. pensou. pensei também. ri-me e logo ouvi o primeiro tiro. os outros? nada. ninguém ouve pronunciamentos de guerra. só os infelizes. só os escritores.

os escritores esperam a guerra. escrevem sobre a paz e vendem as almas à mentira. depois são idiotas coroados e voltam-se à verdade. escrevem a sua própria mentira. a verdade de todos.

xinguilamento.

– fiticeiras! vos vou pagar.

não era conversa de hoje. não de amanhã. o veneno antigo foi ontem (veneno? mentira). levou-lhes ao sapo e aí mesmo tentou retirar. tentou. não conseguiu. fingiu. as inimigas já sabiam do velho adágio. do velho truque. do tempo que agora era delas. do amanhã que era ontem. depois (só depois). seguraram-lhe na farda. (xé). não o iam deixar voar. não voas hoje. ri-me. mais alguém riu-se (quem?). ele não. ele zangou-se.

– tudo bem. tropa não anda com dinheiro

– tropa anda com arma – conclui. depois assim. dor. olha-me e logo baixo a tez. a outra segura na farda. mesma força e mesmo volume de força (xé). ninguém mexe a farda pá! quem mexe na farda, mexe o país. o país tem de estar quieto. tem de falar sim e nunca dizer nada mais. deve obedecer. já ouvi essa.

primeiro tiro.

(aconteceu)

(nem viu, correu como?). correu a multidão. a multidão menos as mundo. as mudas. as mulheres. as...

escondi-me na árvore daí. bala no chão. bala no ar. depois?

depois o silêncio. arma criadora do mal. (do bem) da vida. contraste assim novo. outro tiro. sangue.

sangues.

um sussuro.

– por causa da minha dívida?

– dívida eu tenho com o país. você devia pagar-me pela libertação.

– pedi-te? morreu.

(não, não pediu. mas eles fizeram. eles existiram. devemos nossas vidas à eles. à eles).

assustei e morri também. depois tinha outra mão na farda. (vi no leito da morte). outra teimosia. outra que queria o que era dela. silêncio que pelo que é meu, mexo na farda. mexo no farda. mexo com a morte.

não esperou: tiro. outro choro e soluços.

– olha só, matou as pessoas– alguém disse. alguém viu. eu

vi. nada se fez. nada fiz, nada se fazia.

não matou pessoa. matou mulher. matou o mundo.

ele (sim, ele) só riu. colocou a arma na cintura. foi. colocou mais duas mortes na conta e que se lixem os deuses. que se lixe a vida. nada mudou. nada mundou.

entrou então nos órgãos de justiça militar. era juiz. era a justiça. era a ironia (que ironia).

mayombe, no embondeiro

doze de julho de
mil novecientos e noventa e um

não posso ser julgado por ter pensado desde cedo como se prepara o fim de um homem. foi clementina, se não me engano, quem me trouxe à vida. vi-me num éden africano, como haveria de ser, sem céus ou terras, cercado por medos e incertezas, como num toque de recolher para a compreensão total da nossa miserável história como homens e da minha como fracasso. acho que cheguei até mesmo a encarnar um adão-errante que insistia em reclamar sua vida. foi nessa disputa de razões, entre almas e desejos, que finalmente ouvi clementina. a voz doce de clementina! quão bela era que me deu vida logo pelo amanhecer do décimo oitavo dia. tirou-a e voltou a dar-me

depois da minha morte.

incertezas, incertezas...!

era julho. viajei pelo atlântico em direcção o mediterrâneo. nesse período de antiga descoberta, encontrei-me alma desamparada e à mercê dos ventos e de poseidon. mas não tinha sido o fim. ainda não. eles mostraram-se generosos e não vos minto com recurso literário, isso me enlouqueceu. era assim, tal como todas as vezes que vivi.

quão tristes são as viagens do mar, não é mesmo? um misto de sentimentos de abandono, tristeza e insignificância domina a mente nessa imensidão de calma instável. precisamos todos de companhia alheia, de cúmplices ou de amantes, mas precisamos de alguém. a solidão é a primeira decadência do homem, eu soube disso da pior forma, soube por meio de ricardo.

ricardo era um bom gajo; um gajo realmente bom. conheci-o nos caminhos-de-ferro de benguela quando o sonho jovem de mecânica me fez maquinista (tivesse eu escolhido outra coisa). quem diria que por detrás daquele sorriso descontento de ricardo havia uma escuridão, um vazio que não se preenchia e aos bocados ia despedaçando o pobre homem.

a maior dor foi, com toda certeza, a nossa culpa de nunca ter suspeitado, nem mesmo o médico da companhia que dizia graduação em psicologia. temos obsessão em cuidar do corpo, das unhas aos cabelos, mas quase nada fazemos para a alma. e foi justamente a alma que o arrastou para o suicídio assistido nos carris. lembro-me dos carris. lembro-me daquele dia. uma morte que nos matou a nós também (morre sempre mais quem assiste).

desde aquele dia, nenhum outro dia foi dia. depois de matondo, robusto e o mena, fui eu a abandonar aquele trabalho. fui à terra dos meus ancestrais, visitar a tumba antiga onde repousam os seus espíritos. adentrei do sul e cheguei a cabinda com a mochila cheia de concretizações para a vida pós morte.

entre sorrisos, medos, sons longínquos de artilharia pesada e uma fome que claramente se eternizaria, ouvi um jovem pastor que pregava sobre o fim estar próximo.

– o fim é agora, bem dentro de nós – disse em pensamentos.

só foi depois de mais segundos de sermão me apercebi que falava da guerra e não do mundo; (fosse antes o mundo) o mundo ainda viveria mais horrores. penso sempre se quando a guerra tiver acabado eles acharão uma nova maneira de voltar a tê-la. o sangue é ferrugem por alguma razão.

não dormi nem por uns instantes (quem dormiria?). pestanejar em tempos de guerra é caminho percorrido para a vala comum, o real destino demorado e perigoso. entre esconderijos e a clandestinidade de um alvo trajando vestes de ontem, cheguei ao mayombe.

– finalmente mayombe!

não permiti, depois de lá estar, que coisa alguma mudasse a minha prontidão, nem mesmo o perfume fresco daquele oásis de vida.

– que tumba tropical! – disse para mim admirado.

fiquei de olhos postos para o alto, que nada era além da tentativa do sol de fofocar o que se passava dentro da flo-

resta. de dentro, muito se parecia às rajadas de balas que entravam de cima. a guerra faz isso aos homens, faz tudo girar à volta dela. foi neste instante que pensei no número de soldados que morreram nessa floresta. não só morrer, mas de quantos perderam a valentia apoiados nessas muitas árvores e choraram amargamente pela morte certa. até quando será mayombe terra de sangue?

retirei tudo da mochila e comecei a montar a armadilha para que, de forma astuta, pudesse matar a peste que insiste em matar os meus sonhos. uma pausa. alguns goles de vinho. ninguém merece estar à beira da morte sem ter provado antes o mais antigo licor da coragem: o vinho egípcio.

não era o vinho tão modificado como o actual, mas o da dádiva do nilo antigo, feito com instruções de osíris. os egípcios eram loucos, mas conheciam as maravilhas de um bom vinho. foi o meu tio quem me trouxe ao paraíso da relíquia. arqueólogo jovem como era, uma vez liberto das tumbas, fez-me provar o primeiro gole logo aos oito anos. era tão bom que até agora sinto o bom gosto nas lembranças.

lembranças têm dessa, podem fazer-nos sentir o sal do mar ou o quão quente estava o verão, mesmo depois de tantos anos. e eu ainda lembro-me de ter vivido o meu sonho aos dezenove anos. não era de ir ao egipto, longe disso. eu queria mesmo era conhecer o mayombe. tão majestosa e imponente!

– porra, estou a descansar demais.

DOIS

está aí o embondeiro, eu o vi com o mesmo medo que cristo viu o calvário. ele ria e desafiava a minha coragem com aquele ar inabalável de quem nem o mais forte dos ventos conseguia amedrontar. li algures que os embondeiros andam de cabeça para baixo para falarem melhor com os humanos, deve ser por isso que consigo entender os seus gestos ele, os meus medos.

subi com paciência e cheguei ao tronco que nos assistiu em tempos. umas lágrimas caíram-me dos olhos. estava no sepulcro dos meus pais, lugar santo para alguns, o inferno para mim. mas esse tronco, esse mesmo, já nos deu sombra para contrastar o quente que a nossa paixão nos deixava. era a nossa nudez tão linda que encantava toda vida da floresta.

– eras tão linda... – sussurrei imaginativo.

eu sabia que era tempo de agir e não pensei, me lancei ao profano alfa e ómega da vida humana. doeu. doeu muito.

uma coisa que acho linda sobre a vida e a morte é que nunca vivemos realmente, então não podemos morrer de verdade. eu tive certeza disso quando subitamente encontrei-me no chão. não era eu, disso tinha certeza. eu podia sentir a minha alma a beira da liberdade que tanto anseia desde o pecado infiel dos meus pais. malditos!

– que pensas tu estar a fazer? – ouvi uma voz.

– a matar-me, não vês?

– não acredito, consigo ver covardia nos seus olhos.

não era essa a discussão de sempre? suicídio era um acto de covardia? ou seria antes a mais alta das coragens? não

sei responder, nunca soube dar resposta para essas perguntas complicadas.

- estava já pendurado até cortares a corda justifiquei.
- toquei-te? acho que devia amarrar melhor o nó da corda, se a intenção for realmente a morte, claro. não força, mas jeito.
- até para me matar, preciso de ciência? – pensei em voz alta – vieste para salvar-me ou mostrar novos caminhos para o suicídio? – perguntei.
- não se salva quem já está morto disse.

TRÊS

acordei. finalmente estava em casa, numa cama que levava consigo a pouca juventude que ainda viaja pelas minhas veias. é na cama onde nos desgastamos, onde todo dia é subtraído da nossa porção de vida e ficamos só um pouco.

olhei pela janela e vi como era lindo o pôr-do-sol. por mais incrível que pareça, a nona sinfonia tocava no fundo, como num filme épico pronto para o desfecho. preconizava, talvez, o fim de um homem qualquer, algures neste vasto território. será o desfecho da guerra e da matança? soube que temos os acordos, mas aqui ainda se ouvem tiros e almas urrando todo dia. disseram pelo rádio quem eram os inimigos, quem eram os santinhos e quem éramos nós. eles sabem e não disseram, mas nós éramos o preço para os seus egos, um mero dado estatístico.

é aí que eu me lembro da escuteira. quem poderá ela ser? com qual coragem anda uma mulher no denso mayombe sozinha em tempo de guerra? por quê mudou-se o sonho?

antes era apenas aquele cenário e agora isso.

há um mês que tenho tido o mesmo sonho. um rio e uma ponte que o cruza pela horizontal. ando pela ponte improvisada de madeira e nunca chego ao fim de modo algum. noutros momentos, o sol aparece e desmaio, acordo naquele embondeiro, morto. sempre tem sido assim a minha vida, tudo leva-me àquele lugar, absolutamente tudo.

vi ricardo bater à porta. (ricardo?) como é possível? eu vi-o morrer, aliás, nós vimos ele morrer e dividir-se aos pedaços. eu tentei...

– estás aí, homem? – disse ainda na porta.

– ricardo!?! é mesmo você, amigo?

– quem mais haveria de ser? você sabe que dia é hoje?

– quinta?

– trinta de julho. é o dia que você nasceu. você está bem?

não era possível. trinta de julho não é o meu aniversário, era o da morte de ricardo. não entendia o que se passava, muito menos de como estava na casa do meu tio com a minha mãe aos berros. ela chorava por quê? meu tio a segurava, mas ela soltou-se, deu-me um beijo e sumiu. eu podia ver-me naquelas lágrimas cristalinas. era eu nelas, era eu aqui. gritei por ela e nada parecia possível, ninguém parecia ouvir-me, nem mesmo eu. ela foi-se, do mesmo modo que clementina sumiu.

era o rio novamente. jurava que ia morrer de seguida. que nunca mais voltaria a estar lúcido. perco o controle do meu corpo e caio. minhas mãos tremem e mal consigo voltar-lhes firmeza nem tampouco as sentia. deixei-me levar pelo som das concubinas de poseidon. tão majes-

toso. tão belo. bebi-me da salvação de shiva ao humanos e das lágrimas dos mbakus desse mundo à parvati. entreguei-me ao fim, ao salgado mundo e voltei-me logo ao mayombe.

vi aquele rosto. como uma pessoa pode ser tão linda? logo lembrei-me de como o ricardo ficaria preso para sempre a mim e de como, por exemplo, mal conhecia o nome dessa contista, negra como uma nuvem enraivecida.

– nunca gostei desse momento, fico sempre tragada no tédio. mas é necessário para a pergunta que te faço a seguir. ainda te queres matar?

– não se mata quem já está morto.

fim

tipo biografia
de escritor anónimo

[Daluka](#) é só mais um insignificante dentre os infinitos personagens que o mar da literatura carrega. é prosador que nalgumas vezes veste-se de poeta (quando vive). também já escreveu contos e ao que parece, crónicas.

como percebido, deleita-se de versatilidades por não possuir uma homogeneidade literária assente em sua personalidade senão o mero facto de ter – só talvez – nascido para a literatura.

